

Educação de um jovem custa Cr\$ 2 milhões

Regis Farr

Quase Cr\$ 2 milhões: é quanto custa educar um filho, do pré-escolar ao 2º grau completo, em escolas cujos alunos, em geral, são classificados nos exames vestibulares e conseguem as primeiras opções. Neste preço — calculado com base nos custos escolares deste ano — não se incluem livros, material escolar, transporte, merenda e despesas extras.

Os alunos que frequentam as melhores escolas particulares — também as mais caras — estão em condições, pelo menos teoricamente, de conseguir vaga nas universidades públicas de maior prestígio, ainda praticamente grátis, e obter os diplomas mais bem cotados no mercado de trabalho. Se tivesse que cursar uma faculdade particular, um médico custaria mais de Cr\$ 2 milhões aos pais, um professor Cr\$ 500 mil e um engenheiro Cr\$ 1 milhão 500 mil.

Perfil

Pesquisas feitas pelo Cesgranrio para traçar o perfil do vestibulando aprovado mostram que, em geral, ele é de classe média e vem de boas escolas de 2º grau (das que conseguem melhor classificação, só os Colégios de Aplicação da UFRJ e da UERJ são gratuitos. Entre as outras estão o Colégio de Aplicação da PUC, o São Bento, o São Vicente, o Santo Inácio, o Santo Agostinho e o Andrews).

A escolaridade dos que conseguem as boas vagas do vestibular começa antes do 1º grau, e a pré-escola é quase ou tão cara quanto o 2º grau: não devido ao salário dos professores mas argumentam as escolas — pela necessidade de especialização do pessoal.

Embora os pais da classe média reclamem dos altos preços das anuidades escolares, e os colégios estejam perdendo alunos, nenhum deles criou, até agora, o sistema "pague hoje e estude amanhã". Mesmo assim, pode-se fazer uma previsão de quanto custaria a uma família pagar todo o ensino de seu filho, tomando por base os preços de 82.

Calculando-se, para o segundo semestre deste ano, um aumento entre 30% e 35% (abaixo do que houve para o primeiro semestre deste ano) e somando-se mensalidades e matrícula, multiplica-se o total pelo número de anos. O material não foi incluído e foram calculados três anos de pré-escolar.

Colégios

As mensalidades da pré-escola estão a Cr\$ 14 mil 300 no Eden (mais Cr\$ 14 mil de matrícula), Cr\$ 14 mil 900 na Pernalonga (Cr\$ 10 mil de matrícula) e Cr\$ 15 mil 850 na Chave do Tamanho (Cr\$ 12 mil 800 de matrícula). Estes preços incluem merenda, mas não o material escolar das crianças nem o ônibus do transporte.

Para o primeiro segmento do 1º grau — primário — as mensalidades até junho são de Cr\$ 13 mil 500 no Santo Inácio e no Andrews; Cr\$ 11 mil no Santo Agostinho; Cr\$ 12 mil no São Vicente; ou Cr\$ 25 mil no São Bento, em regime de semi-internato (o ônibus vai custar Cr\$ 7 mil por mês).

Da quinta à oitava série, a mensalidade aumenta em pelo menos 10%, chegando a Cr\$ 16 mil 400 no São Vicente e a Cr\$ 15 mil 250 no Andrews. No São Bento, cai para

Cr\$ 20 mil, porque o regime é de externato. No 2º grau, é de Cr\$ 17 mil a Cr\$ 20 mil, dependendo da série (a terceira é mais cara), à exceção do São Bento, que cobra Cr\$ 24 mil na primeira e na segunda séries e Cr\$ 28 mil na terceira.

Na Zona Norte, os preços são mais baixos. O Colégio Batista Brasileiro, por exemplo, na Tijuca, cobra de Cr\$ 7 mil a Cr\$ 10 mil para o 1º grau e Cr\$ 13 mil para o 2º. Nos subúrbios, as mensalidades caem bem mais, mas as chances de estes alunos se classificarem bem no vestibular, de acordo com pesquisas do Cesgranrio, são mínimas.

Na universidade, os preços variam de acordo com o prestígio do curso: Medicina e Engenharia são os mais caros; Letras, Educação, Pedagogia e Licenciatura os mais baratos. No Rio, o curso mais caro é o de Medicina, da Universidade Gama Filho, que cobrou Cr\$ 63 mil de matrícula, com mensalidades que devem ultrapassar Cr\$ 30 mil no primeiro semestre.

As universidades públicas ainda cobram taxas simbólicas, mas como o Governo vem estudando o pagamento dos estudos, o curso gratuito para quem já as frequenta, ou vai disputar uma das vagas da UFRJ, UFF ou Federal Rural não está garantido.

No 1º grau, qualquer um pode recorrer à escola pública pois, como este ensino é obrigatório, são oferecidas bolsas no caso de não haver mais vagas. O Rio não sabe quanto custa, em média, cada aluno de suas escolas públicas do 1º grau, mas, dividindo-se o orçamento total da Secretaria Municipal de Educação pelo número de alunos da rede, chega-se a Cr\$ 30 mil por aluno.

No 2º grau, o número de vagas oferecido pelas escolas públicas é reduzido e o critério de preenchimento ainda é o da falta de recursos da família. No entanto, pelo menos de acordo com o perfil do estudante que consegue boa vaga no vestibular, a escola pública do Rio e do Estado não é o caminho mais curto nem o mais garantido para a universidade.

Ronaldo Theobald



Para Any Rocha, o vestibular é a grande barreira

Any, educação é "status"

A educação de um filho é tão cara quanto os pais se interessarem em que ele não só entre para um curso superior, mas consiga uma das poucas vagas nas universidades de maior prestígio. Como a preparação para um vestibular se faz durante toda a vida escolar anterior, para verem concretizada sua aspiração, os pais têm que investir desde a pré-escola.

Quem assim pensa é Any Dutra Coelho da Rocha, pesquisadora e professora do Estado. "Como os pais sabem que a maneira mais viável para que o filho mantenha o status ou ascenda socialmente é a educação", diz ela, "eles têm, agora, que abrir mão de uma viagem ou de morar melhor, porque os gastos com os estudos são cada vez maiores".

Investimento

Para a educadora, a grande barreira do sistema educacional é o vestibular e, mais do que passar no exame, interessa conquistar a vaga pleiteada em primeira opção: mesmo dentro de uma carreira, há toda uma hierarquização do diploma, de acordo com a escola que o expediu.

— A classe média quer que seus filhos sigam profissões de prestígio, mais vinculadas à área tecnológica ou à da saúde, e ninguém mais quer ser professor, a carreira de menor prestígio social. Uma empregada minha disse certa vez, aliviada, referindo-se à sua filha: "Ainda bem que ela desistiu de ser professora!"

Any Coelho da Rocha acha que, para que seja satisfeita a aspiração de matricular o filho na faculdade de primeira opção, e de ensino melhor, os pais têm que investir na educação desde o pré-escolar, porque um curso de preparação para o vestibular não substitui o bom ensino fundamental.

— O cursinho não supre o que o curso fundamental não deu — acrescenta a professora — e os pais já compreenderam isso. Sendo assim, investem na educação desde cedo, porque a verdade é que um aluno que fez todo o 1º e 2º graus na escola pública tem muito mais dificuldade de entrar para a universidade, principalmente se o curso escolhido for muito concorrido.

A educadora lembra que a pressão do vestibular se faz sentir de modo mais claro no 2º grau, mas influencia até o 1º grau, porque as escolas que só têm primário e ginásio preparam seus alunos para um curso médio de bom nível. "As escolas que levam seus alunos à primeira opção" — frisa, "com exceção dos Colégios de Aplicação da UFRJ e da UERJ, são particulares".

Lembra que os alunos que fazem o 1º e/ou o 2º grau em escolas públicas, ao se inscreverem para o vestibular fazem escolha de carreira de modo pragmático, isto é, não optam por uma universidade muito concorrida nem por uma carreira que exija dos aprovados maior número de pontos.

Criança pobre

Any Coelho da Rocha acrescenta que, com os aumentos semestrais, os colégios particulares estão se tornando proibitivos para a classe média, que já começa a matricular os filhos nas escolas públicas. No seu entender, esta atitude pode melhorar a qualidade de ensino dos colégios do Governo, porque os pais da classe média pressionam a escola.

— Com esta inversão, eu só me pergunto para onde irá a criança pobre, que hoje já é discriminada na escola pública, pois os colégios que frequenta têm sempre piores recursos: geralmente, a escola pública tem três turnos, o que resulta numa jornada reduzida; há maior número de alunos por sala; e os professores que aí trabalham são, em geral, mais inexperientes e desinteressados.

Lembra que o professor mais experiente e habilitado é, geralmente, premiado com as turmas de alunos melhores, isto é, menos pobres, o que penaliza ainda mais os alunos carentes, até porque o professor não é preparado para lidar com eles, e sim com os outros.

— Este aluno pobre vem de outra cultura, e tem recursos e habilidades, mas estes não são reconhecidos nem aproveitados. Ele consegue fazer coisas que a criança da classe média não faz, como cuidar de seus irmãos e da casa, enquanto os pais trabalham.